

As capas das revistas nacionais na perspectiva da análise textual: imparcialidade ou omissão?

The covers of national magazines from the perspective of textual analysis: impartiality or omission?

Adriene Ferreira de Mello

Graduanda em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna.
E-mail: adriene.mello@hotmail.com

Maria Blanc Figueira

Graduanda em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna.
E-mail: mariablanc29@gmail.com

Thayone Soares

Graduanda em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna.
E-mail: thayonesoares05@gmail.com

Vitório Gualandi

Graduando em Letras, pelo Centro Universitário São José de Itaperuna.
E-mail: vitorio_gua@hotmail.com

Joane Marieli Pereira Caetano

Mestra em Cognição e Linguagem (UENF); Especialista em Letras (UNIFSJ); Professora de Linguística Textual e Sociolinguística (UNIFSJ). Orientadora da pesquisa.

E-mail: joaneiff@gmail.com

Resumo: O presente estudo tem como temática a análise do suporte textual revista, com ênfase na visão acerca das Olimpíadas no Brasil em 2016. O gênero de carácter jornalístico apresenta como característica primordial a imparcialidade e a objetividade e sua função principal é transmitir informações. Teriam, então, as revistas em análise seguido o protocolo de imparcialidade? Partindo desse pressuposto, objetiva-se analisar a maneira como três revistas de renome nacional abordaram o assunto “Olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro”. E, em especial, o objetivo também será de analisar os elementos discursivos dispostos em cada capa. O *corpus* da pesquisa é composto por capas da Revista *Veja*, da Revista *Istoé* e da Revista *Carta Capital*, do mês de agosto de 2016, mais precisamente, na última semana de jogos olímpicos. Como hipótese, acredita-se que as revistas brasileiras têm colaborado para a indução ideológica dos cidadãos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa inicialmente bibliográfica, tendo como referencial teórico Charaudeau (2004), Antunes (2010), Fiorin (2015) e Benetti (2008).

Palavras-chave: Análise textual. Olimpíadas do Brasil. Revistas Nacionais.

Abstract: The present study has as its theme the analysis of the textual support magazine, with emphasis on the vision of the Olympic Games in Brazil in 2016. The journalistic genre has as its

primary characteristic impartiality and objectivity, and its main function is to transmit information. Then, would the magazines, in analysis, have followed the protocol of impartiality? Based on this assumption, the objective of this research is to analyze the way in which three nationally renowned magazines approached the subject "Olympic Games 2016 in Rio de Janeiro". And, in particular, the objective will also be to analyze the discursive elements arranged in each cover. The corpus of the research is composed of covers from *Veja Magazine*, from *Istoé Magazine* and from *Carta Capital Magazine* of August 2016, more precisely, in the last week of Olympic Games. As a hypothesis, it is believed that the Brazilian magazines have collaborated for the ideological induction of the citizens. Methodologically, it starts with a bibliographical research, with Charaudeau (2004), Antunes (2010), Fiorin (2015) and Benetti (2008) as theoretical reference.

Keywords: Textual analysis. Olympic Games in Brazil. National Magazines.

1 Introdução

Os jogos olímpicos são um evento multiesportivo global, em que milhares de atletas participam de várias competições. É grande também a competição dos países para sediar um evento tão grandioso como o que aconteceu no Rio de Janeiro em 2016. Entretanto, assumir a responsabilidade de sediar um evento desse porte em um país como o Brasil, que atravessa uma das maiores crises no setor financeiro, pode gerar polêmicas e causar inúmeras discussões dentro da sociedade. O tema desta pesquisa tem esse cenário como contexto e pretende avaliar como as revistas nacionais conduziram as informações aos seus interlocutores durante o período dos jogos, verificando se houve ou não manipulação de dados e informações por parte das mesmas.

Primeiramente, precisamos entender qual é a função dos gêneros textuais comuns ao domínio discursivo jornalístico e, mais especificamente, ao gênero capa de revista. Sabe-se, de início, que sua preocupação se vincula ao objetivo de informar com linguagem direta e objetiva, pois seu intuito principal é de transmitir informações sobre algo, isento de interpretações ambíguas. A linguagem jornalística deve ser clara, simples, imparcial e objetiva, a fim de expor ao emissor as principais informações sobre o tema. No que se refere à sua estrutura gramatical, geralmente, o texto jornalístico apresenta frases curtas e ideias sucintas, favorecendo, assim, a objetividade do texto. Já o gênero capa de revista, segundo Farenzena e Pereira (2005, p. 70), “está ligado ao gênero midiático, pois tem o objetivo de informar e persuadir determinado público a adquirir a revista”.

Com essa definição, podemos caracterizar as capas de revistas como um gênero textual com propriedades híbridas, pois se mesclam informação e publicidade. Constituem-se também como material importante de leitura, visto que antecipam, de modo incisivo, o conteúdo interno da revista. Em cumprimento de suas ações injuntivas, elas têm como principal função chamar a atenção dos interlocutores para que adquiram as revistas, uma vez interessados nas matérias expostas na capa. Tais fatores explicam o uso dos recursos visuais para enfatizar a matéria principal na capa.

As capas de revista e o conteúdo interno dela representam um papel decisivo na formação ideológica dos leitores, já que são uma grande fonte formadora de

opiniões. Nesse sentido, nota-se claramente a importância de se pesquisar sobre como a abordagem desses meios de comunicação tem se efetivado para compreender o quanto a sociedade tem sido influenciada por esses recursos midiáticos.

Na primeira seção, pretende-se definir e especificar as características da textualidade, evidenciando, assim, a importância da análise textual na compreensão de diferentes temas e abordagens.

Na seção seguinte, será realizado o estudo do *corpus* a partir das seguintes categorias: *nível textual* e *nível das práticas discursivas*, em adaptação ao protocolo de análise elaborado por Borges (2014). O que se objetiva nessa seção é identificar como as características discursivas foram utilizadas e se alguma característica primitiva do gênero jornalístico foi violada.

2 O texto e suas propriedades fundamentais

A Linguística Textual (LT) é uma vertente que toma o texto como objeto de estudo, compreendendo-o em múltiplas dimensões de análises, uma vez que a LT “não adota uma postura modular, como a 'teoria da cebola', em que os diversos níveis ou camadas em que se faz a descrição linguística são vistos como supostos ou acrescentados uns aos outros sucessivamente” (KOCH, 2014, p. 11-12). Pelo contrário, considera-se o modo de materialização textual concomitantemente em diversos níveis; não se restringe, portanto, a um mero emaranhado de frases, tampouco à eleição de apenas um critério como autossuficiente para se compreender a complexa produção de sentidos em torno de um texto.

Assim, os estudos da LT postulam que se pode “definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. [...] um texto é uma unidade de linguagem em uso” (COSTA VAL, 2006, p. 3). A partir dessa noção, elegem-se os fatores ou propriedades que designariam a textualidade.

Chama-se **textualidade** ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases. Beaugrande e Dressler (1983) apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso qualquer: a coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e lingüístico do texto, e a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo (COSTA VAL, 2006, p. 5, grifo nosso).

Os fatores textuais também são indispensáveis ao analisar um discurso, pois, segundo Antunes (2010, p. 34), em diálogo com Costa Val (2006), o texto precisa conter as propriedades ou critérios de textualidade – que são a coesão e a coerência, a informatividade e a intertextualidade – e as condições para efetivação do texto – que são a intencionalidade, a aceitabilidade e a situacionalidade – para ser considerado como tal.

Antunes (2010, p. 34-35) caracteriza cada um desses critérios. A coesão, segundo ela, concerne aos modos e recursos de inter-relação, de ligação e de encadeamento

entre os vários segmentos do texto. Já a coerência diz respeito ao encadeamento de sentido; é “aquela que confere ao texto interpretabilidade”. A informatividade se relaciona, portanto, com o grau de novidade ou de imprevisibilidade que, “em um certo contexto comunicativo, o texto assume”. Por sua vez, a intertextualidade é a “inserção [...] em um texto particular, de outro(s) texto(s) já em circulação”.

De acordo com as condições para a efetivação do texto, Antunes (2010, p. 34) afirma que “a intencionalidade e a aceitabilidade remetem aos interlocutores e não ao texto” e ainda particulariza a definição de intencionalidade, deixando claro que essa definição não abrange o conceito popular de intenções com que usamos a linguagem, mas sim é caracterizado como “à disposição do falante de somente dizer coisas [...] que são coerentes”. A aceitabilidade, mais especificamente, é a capacidade que o ouvinte tem de processar os sentidos e as intenções expressas no texto. E, por fim, a situacionalidade é a situação concreta ou o contexto social em que o texto está inserido.

Conhecer os critérios de textualidade e o que caracteriza um texto é de extrema importância para a compreensão da análise textual que faremos na próxima seção com base nas capas de algumas revistas nacionais.

Benetti (2008, p. 20) e Charaudeau (2008) nos propõem cinco elementos essenciais para pensar as regras do discurso jornalístico: “quem diz e para quem”, “para quem se diz”, “o que se diz”, “em que condições se diz” e “como se diz”. A partir desses elementos, podemos perceber que tudo que envolve o gênero jornalístico possui intenções preestabelecidas.

As capas de revista apresentam, em geral, todas essas características descritas por Antunes (2010). Logo, devem ser consideradas uma parte desse suporte textual que possui particularidades importantes e decisivas para a caracterização das revistas e grandes influenciadoras da formação ideológica de seus interlocutores.

3 Análise do “corpus”

Antes de desenvolvermos a análise do *corpus* selecionado, torna-se importante relembrar a necessidade de se considerar os textos em sentido global, isto é, em sua integralidade em relação ao contexto, ao estatuto de interlocutores e às demais peculiaridades circundantes a qualquer manifestação concreta de comunicação. Nesse sentido, vale ressaltar que

qualquer análise, de qualquer segmento deve ser feita, sempre, em função do sentido, da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do que é dito. O que significa admitir que, em qualquer análise, a questão maior é sempre a compreensão **do que** se diz e de **como** e **para que** se diz **o que** é dito. (ANTUNES, 2010, p. 59, grifos nossos)

A seguir, serão apresentadas duas seções de análise do presente trabalho que têm por objetivo possibilitar uma maior compreensão acerca do tema abordado.

3.1 Apresentação

A intenção deste estudo é analisar a maneira como três revistas de renome nacional abordaram o assunto *Olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro*. Escolhemos, por se tratar de revistas com grande repercussão nacional, a capa da Revista *Veja* (RV), da Revista *Istoé* (RI) e da Revista *Carta Capital* (RC), que foram publicadas na primeira semana de agosto de 2016.

Ao olharmos a abordagem das duas primeiras, encontraremos um sentimento otimista em relação ao Brasil e, na última, encontraremos uma crítica explícita a esse sentimento de otimismo por parte dos brasileiros.

Com fins de ilustração, seguem as capas em análise.

Figura 1: Capa da Revista *Veja* – Edição 2489



Fonte: Acervo *Veja*.

Figura 2: Capa da Revista Istoé – Edição 2437



Fonte: Acervo Istoé.

Figura 3: Capa da Revista Carta Capital – Edição 915



Fonte: Google.

Na seção posterior, pretende-se discutir a perspectiva temática e o enfoque dado por cada revista, tendo em vista a visibilidade que uma capa tende a oferecer ao produto ideológico difundido pelo veículo de comunicação.

3.2 *Discussão*

Diante do objeto de estudo descrito, esta pesquisa elege as seguintes categorias de análise dos textos: o nível textual e o nível das práticas discursivas.

3.2.1 Nível textual

Sabe-se que todo tipo textual expositivo, até mesmo as publicações contidas em revistas, tem como objetivo de informar com linguagem direta e objetiva, pois seu intuito principal é transmitir informações sobre algo, isento de duplas interpretações, creditando valor ao princípio da imparcialidade jornalística. Espera-se a apresentação de dados e referências, sem interferência de subjetividade, como manifestações de sentimentos, sensações, apreciações e opiniões do autor. O autor dos textos informativos precisaria, aliás, ser um transmissor que se preocupa em relatar informações da maneira mais objetiva e verossímil possível.

Nesse sentido, a capa de revista, assim como a reportagem em si, fornece também informações bastante relevantes para análise. Destacam-se apenas algumas características próprias do gênero capa de revista, como demonstram Farençena e Pereira (2005, p. 70):

o objetivo principal da capa é destacar a(s) matéria(s) principal(is) da edição da revista de maneira persuasiva e/ou informativa. Também informa o nome da revista, a editora responsável, a data de publicação, o número da edição, o site e o valor do exemplar. As finalidades desse gênero estão ligadas a uma função única da capa de revista, que é despertar o interesse dos leitores (ou possíveis leitores) persuadindo-os a ler a revista e, com isso, ampliando sua comercialização.

São esses motivos que fazem com que, na maioria das vezes, haja alteração no formato original de tal gênero textual, como podemos observar nos três exemplos que serão analisados neste estudo.

É possível notar alteração do formato padrão das revistas na maneira como é exposta a opinião sobre as vitórias brasileiras em competições olímpicas. As revistas também deixam de apresentar as notícias brasileiras relacionadas à economia e à política, para dar espaço às informações sobre o quantitativo de medalhas alcançado pelos atletas durante as Olimpíadas. Apesar de esse megaevento esportivo ser o assunto em destaque no país naquele momento, nem todas as revistas se apropriaram dessa temática.

As revistas RV e RI abrem exceções e colocam notícias sobre crise financeira e problemas políticos em segundo plano, o que nos faz inferir que houve uma alteração do padrão informacional original nesses temas. Vale ressaltar que a RC se apropria dos problemas políticos e econômicos para relacioná-los às Olimpíadas, como se pode observar na seleção lexical promovedora de sentido metafórico na manchete: “E o Brasil é ouro em má distribuição de renda”. Como efeito de sentido, revela-se o

enfoque em uma perspectiva mais pessimista diante dos acontecimentos no âmbito econômico brasileiro.

Por outro lado, a RI associa os assuntos políticos e sociais aos jogos olímpicos utilizando recursos que apresentam uma ótica diferente, por buscar valorizar a relevância dos bons resultados das Olimpíadas diante de um contexto de crise. Para que esse efeito seja criado, a RI recorre ao fator textual intencionalidade, ou seja, a capacidade de dizer coisas coerentes com propósito. Nota-se, portanto, uma característica marcante nessa capa de revista que é preocupação em unir o fator situacionalidade com o fator aceitabilidade, que nada mais é do que levar em consideração os interlocutores que precisam estar cientes de todos os acontecimentos, e não apenas de um isoladamente, para se induzir uma reação positiva, na medida em que se destina um olhar mais pautado nos benefícios do evento esportivo.

Os recursos visuais são peças-chave na construção da ideia que qualquer revista deseja passar ao seu interlocutor. Nos exemplos aqui abordados isso não é diferente. Na RV, podemos notar que uma imagem de Bolt é colocada em destaque no fundo preto para gerar uma evidência desse velocista que é o assunto principal abordado na revista. A expressão séria e compenetrada dele também é um fator importante e propositalmente elaborado pela revista, para que se compreenda um dos motivos responsáveis pela quantidade de vitórias que o envolve. Os outros temas são colocados sem ênfase, apenas em frases curtas e sem imagens de destaque, possivelmente para não desfocar o tema principal já mencionado.

Também a RI utiliza-se do mesmo recurso que a RV, colocando a imagem de todos os atletas, que trazem uma ideia de representatividade para o esporte olímpico brasileiro, em destaque no fundo preto da página. É evidente que a escolha da imagem desses atletas em momentos de comemoração é feita intencionalmente para aguçar ainda mais esse espírito de esperança no leitor. Importa destacar que há uma alteração também na representação gráfica do nome da revista, em que a letra *O* passa a ser simbolizada mediante uma imagem de medalha de ouro olímpica.

Já na RC, os recursos visuais são empregados com intuitos completamente diferentes das demais, tendo em vista que sua abordagem busca outro foco. A intenção desta é atentar para o fato de haver comemorações, relacionadas às Olimpíadas, enquanto o país se encontra em verdadeiro caos, ou seja, é o contrário do sentimento de esperança que busca ser despertado no interlocutor por meio das manchetes das outras capas. O uso da imagem de um brasileiro na torcida de um jogo, com o rosto completamente pintado com a bandeira brasileira e a expressão essencialmente comemorativa, contrasta-se propositalmente com a manchete que foi apresentada. A opinião exposta no título principal deixa clara uma indignação por meio do emissor: demonstra que, de acordo com o posicionamento da revista, é um absurdo comemorar de maneira tão exagerada, enquanto há motivos de sobra para se queixar. A imagem também ocupa quase todo o espaço da página, possivelmente a fim de que o foco seja justamente o povo brasileiro em festa.

Dando prosseguimento às análises, pode-se, ainda, pressupor da RV, na frase “a fábrica de velocistas da Jamaica de Bolt”, uma referência feita à quantidade de atletas que moram na Jamaica e que fazem parte desse nível esportivo, tendo como maior referência o velocista Usain Bolt. Já na capa da RI, pode-se pressupor que, no contexto

das olimpíadas, os heróis nacionais passam a ser os atletas que conquistaram medalhas, ao invés de serem os governantes, que a cada dia perdem esse título por causa dos escândalos da corrupção. Por último, a revista RC traz a pressuposição, por meio do enunciado “o Brasil é ouro em má distribuição de renda”, de que não se deve comemorar tantas medalhas, se o maior “ouro” que o Brasil tem recebido é na modalidade distribuição desigual de renda.

A seleção vocabular de uma capa de revista é um fator primordial para que esta atinja o objetivo de atrair o leitor, como afirma Antunes (2010, p. 178):

a seleção lexical de um texto concorre para o estabelecimento de sua coerência, para a definição de sua unidade semântica. [...] o léxico tem sua função significativa na estruturação do texto, na construção de seus sentidos, na definição de sua adequação às condições sociais de seus contextos de uso.

Nas capas em análise, notamos uma postura simplista em relação ao vocabulário escolhido. Isso se deve, provavelmente, pela intenção de atingir a grande massa de brasileiros. Utilizar palavras rebuscadas ou de difícil compreensão afastaria esse público do interesse pelas revistas. Também não se encontra um vocabulário coloquial, com a utilização de gírias ou expressões comuns do dia a dia das pessoas, que é um fator expressivo nas capas de revista.

As figuras de linguagem podem ser encontradas nas capas em análise explicitamente. No enunciado da RV, “A fábrica de velocistas da Jamaica de Bolt”, pode-se notar o uso de hipérbole, que é o exagero dos termos para enfatizar uma ideia, afinal, não existe literalmente uma fábrica de velocistas na Jamaica, mas, por esta revelar muitos atletas dessa modalidade, esse uso produz um efeito de sentido hiperbólico. Também na RI faz-se o uso de hipérbole na expressão “heróis nacionais”, em que há a valorização da qualidade dos esportistas, já que os atletas não são heróis em sentido literal, são apenas os destaques do atletismo representando o Brasil.

Observa-se outro exemplo de figura de linguagem na revista RC: a ironia, mecanismo discursivo cuja função é “dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma mas uma série infundável de interpretações subversivas” (MUECKE, 1995, p. 48). Nas frases “Que festa é essa?” e “O Brasil é ouro em má distribuição de renda”, pode-se inferir que a intenção é criticar a comemoração exagerada, quando seria mais adequado estar reclamando da crise financeira e dos problemas socioeconômicos que assolam o país.

Para compreendermos todas as revistas, precisamos lembrar o contexto que o país está vivendo. Duas revistas, em especial, merecem destaque para o fator intertextualidade, no aspecto de resgate de informações extratextuais: a RV e a RC. A primeira por abordar a unanimidade de vitórias do velocista jamaicano Usain Bolt, que venceu todas as provas que competiu durante as olimpíadas e é considerado o maior atleta em provas de corrida de todos os tempos, por ser este um exemplo de mais um velocista da Jamaica, país que é referência nesse esporte. Logo, se não houver também conhecimento prévio, que nada mais é que o fator informatividade, de alguns desses dados, pelo menos parcialmente, jamais se compreenderá a expressão “fábrica de velocistas da Jamaica” que é apresentada na manchete da RV.

Já a segunda revista aciona o conhecimento prévio sobre a crise financeira que assola o Brasil e que foi ignorada, até mesmo pelos brasileiros, durante os jogos olímpicos, para se compreender a manchete “Que festa é essa?”, que se referencia à comemoração do povo por algo que poderá trazer ainda mais problemas ao Brasil.

Em última consideração, sabe-se que a intertextualidade refere-se às relações entre os textos. Segundo Antunes (2010), é correto afirmar que todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto. Tendo em vista esse conceito, pode-se observar que na reportagem em segundo plano da RV, que se intitula “A praia é nossa!”, há uma pequena intertextualidade com a expressão utilizada pelos atletas do vôlei de praia que, ao ganhar uma competição, comemoram com o uso de tal enunciado.

3.3 Práticas discursivas

O conteúdo é, como fora visto, abordado em duas capas de revista (RI e RV) de maneira esperançosa, colocando o Brasil em posição de destaque e demonstrando que não existe apenas o lado pessimista que até então tem sido evidenciado. Porém, a RC expõe uma opinião irônica frente a essa “esperança”, que envolve o povo brasileiro naquele momento e que é usada pelas outras revistas com intuito de omitir determinados assuntos.

Os produtores da RV e da RI apresentam uma perspectiva de omissão, pois deixam implícito aquilo que não desejam formar na opinião dos leitores, neste caso, os escândalos político e econômico, abordando apenas um ponto de vista. Segundo Fiorin (2015, p. 206),

uma tática de discussão é implicitar pontos de vista para ocultar algum elemento fraco ou duvidoso da argumentação ou para apresentar como evidente aquilo que, de fato, não é indiscutível. [...] Deixar implícito um elemento argumentativo é, muitas vezes, buscar desviar a atenção de uma opinião frágil, controvertida ou embaraçosa.

Já a RC apresenta uma perspectiva irônica, mas de certo modo realista, frente a todos os problemas sociais que também precisavam ser abordados. Ela se demonstra, portanto, crítica, assumindo caráter subjetivo ao demonstrar uma opinião.

É notável que, em todas as capas, existem assuntos que são enfatizados em detrimento de outros. Os jogos e, conseqüentemente, as conquistas olímpicas são o objeto de destaque de todas as três revistas em análise, porém cada uma enfatiza aquilo que convém. Na RV, podemos observar que não se encontra nenhuma outra matéria sobre assuntos divergentes das Olimpíadas.

Tendo em vista que a RI não apresenta em suas capas defesas partidárias explícitas, na capa em análise, podemos observar que esta não omite a informação política sobre o que estava acontecendo durante aquela semana, apenas a coloca em segundo plano para não tirar o foco do tema principal. É possível perceber a intenção em demonstrar um posicionamento na colocação, mesmo desfocada, da informação, porém percebemos que, diferente da RV, não acontece a omissão de informações.

Já a RC é marcada por uma linha editorial assumidamente alinhada à esquerda

política e, apesar de demonstrar inúmeras falhas do governo Lula, adotou uma posição favorável em relação à continuidade de Lula e Dilma no poder, desde a eleição de 2010, conforme pronunciamento do editor-chefe, Mino Carta, na edição de número 603 da revista. É uma revista que tem como objetivo, intencionalmente, de forma transparente, adotar um determinado ponto de vista, geralmente com algum engajamento social ou político. A partir de tudo isso, pode-se compreender a postura adotada por esta na capa em análise: enquanto todos comemoravam e demonstravam um espírito de esperança voltado para o Brasil, a RC atua desconstruindo essa imagem e deixando claro que não há motivos de comemoração, pois a tendência é que a situação do país se agrave ainda mais depois dos jogos olímpicos. A revista também não omite as informações políticas que estão em destaque durante a semana, apenas as desfoca para dar ênfase à reportagem principal.

4 Conclusão

Após os resultados da análise crítica do discurso contida nas revistas, podemos observar que todas as capas, para cumprir seu objetivo principal que é chamar a atenção do leitor, utilizam-se de recursos visuais, pressuposições, figuras de linguagem e seleção específica de vocabulário para a produção de sentidos no texto. Encontramos, também, omissões estratégicas nas RV e RI, pois não abordam ou não contemplam em destaque o assunto “política”, na tentativa de não associar, negativamente, problemáticas sociais ao evento esportivo, como faz a RC.

Não encontramos, de fato, nas capas de revistas analisadas a imparcialidade que deveria estar presente, de acordo com as características do gênero, o que contribui diretamente para a indução ideológica das pessoas que voltam seus olhares críticos apenas para um lado da história, com base em uma única perspectiva discursiva, confirmando a hipótese motivadora da pesquisa.

Podemos encontrar nas revistas a maioria dos critérios e das propriedades textuais, cada um utilizado a favor da intenção preestabelecida na escolha da perspectiva abordada. Concluimos, portanto, que o gênero textual capa de revista é uma fonte rica para análises do discurso, proporcionando reflexões contundentes e interessantes quando aprofundamos o olhar para cada revista escolhida.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. *Revista Galáxia*. São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1492>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

BORGES, João Felipe Barbosa. *O gênero seminário – como elaborar [ACD].pdf*. Itaperuna, Rio de Janeiro, 23 set. 2014. 20 f. Notas de aula. 1 arquivo (781 Kilobytes). 1

CD-ROM.

CARTA, Mino. Por que apoiamos Dilma. *Carta Capital*, n. 603, out. 2010. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/por-que-apoiamos-dilma>>. Acesso em: 07 jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick (2004). Gênero de discurso. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Org.). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARENCENA, Gessélda; PEREIRA, Luciara. As especificidades do gênero capa de revista. *Revista Ideias*. Santa Maria, n. 21, p. 61-73, jan. 2005. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20rev%2021%20em%20PDF/as%20especificidades%20do%20genero%20capa%20de%20revista.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça. *As tramas do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

Revista Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/banco-de-imagens/capas>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

Revista Istoé. Disponível em: <<http://istoe.com.br/edicao/os-herois-nacionais>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

Revista Veja. Disponível em: <https://accounts.abril.com.br/signin/abril?produto=AAPG&url_retorno=https://acervo.veja.abril.com.br/#/edit>. Acesso em: 25 nov. 2016.